

## O pior (c)ego é o que não quer (re)ver



### #INSTIGAR:

sempre um texto autoral nosso, um convite provocativo à reflexão

"O importante é vir com saúde!". Quando dizemos, com a melhor das intenções, muitas vezes, inconsciente e/ou automaticamente, vai no pacote dos votos, sem querer, o significado de "não vir com o combo doenças = deficiências + estigmas + estereótipos". Daí a pergunta: e se não vier com "saúde", o que é importante, então?

Apesar de explícito e expressamente previsto na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD), o preceito da **aceitação das pessoas com deficiência como parte da diversidade humana e da humanidade** ainda é uma barreira social a ser vencida. Para cada pessoa apenas bem-intencionada, e que não antecipa nem máscara capacitismo com expressões como "vir com saúde" / "vir perfeito(a)", **existem milhares de outras que não conseguem sequer enxergar para além dos limites já (im)postos e aceitos no modelo normal-anormal.**

Mesmo com o "**Nada sobre nós, sem nós**", ainda persiste uma realidade onde pessoas com deficiência restam à margem do que, em tese, lhes é legítimo por premissa. Contraditório, para dizer o mínimo! **Inclusão é fazer parte do todo**, assim está na Convenção. Escuta só para você ver: em geral, a deficiência é tratada como o atípico, o que não se encaixa. Para ser o "sem nós", basta que não seja "nada sobre", né!? Não se trata de introduzir uma problemática e sim de explicitar o que, às vezes, sentimos ter algo estranho, meio jogando contra, mas que vai passando porque está embutido no que é legítimo.

De uma outra perspectiva, na do "Tudo sobre nós, com nós" (sim, foi de propósito), **a pessoa com deficiência deve ser colocada em todos os espaços de discussão e decisão para que a inclusão seja mandatória**, afinal, a deficiência e existência não são facultativas. Do contrário, **corponormatividade e neurotipicidade** continuarão a delinear políticas públicas, padrões, **parâmetros e barreiras atitudinais na sociedade.**



Em um Brasil com **18,6 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência**, ler cartilhas e “até ter amigos que são” **não é suficiente para ser anticapacista**. Com **17,5 milhões de pessoas com deficiência aptas a trabalhar, mas 12,4 delas fora do mercado de trabalho**, sendo que nas 5,1 milhões empregadas **as mulheres ganham 34% que o rendimento médio real em comparação às mulheres sem deficiência**, está ficando só o “nada sobre nós”, mesmo. Enquanto a **taxa de analfabetismo nacional for de 5,7%**, e a **entre pessoas com deficiência estiver na casa dos 19,5%**, seguimos decidindo “sem nós”.

A OMS (Organização Mundial da Saúde) adota o **modelo biopsicossocial para definição de saúde e bem-estar, cuja abordagem considera o indivíduo como um todo, sob as dimensões biológica, psicológica e social, de forma integrada**. A LBI - Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) também adota o conceito e exige que a avaliação da deficiência seja realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar. Acontece que **cada estado estabelece suas próprias regras** e a pessoa com deficiência, quando necessita **ratificá-la perante o sistema para reivindicar seus direitos, entra em uma saga** maloriana, e cada equipe multidisciplinar a que é submetida mais parece um novo grupo de Tusken Raiders em seu caminho.

A **hierarquização das deficiências** cria um nível de **passabilidade** que leva a um nicho de mercado onde a narrativa (distorcida) é o marketing da venda de “cotas de desengargo de consciência” e da motivação controversa: tem sempre aquela dúzia de exemplos de superação, com feitos surpreendentes, **que servirá de enredo para as pessoas sem deficiência saírem pela tangente, a não ser, claro, que a condição mude e ela passe a ser parte do “nós”**.

A gente **chama de motivação e inspiração aqueles discursos moral e intelectualmente preguiçosos** de “se fulano com deficiência fez tal coisa, eu posso mais”; dá aquela chorada no vídeo de “nunca mais vou reclamar dos meus problemas”, **no lugar de reconhecer a dimensão da questão anticapacitista e se comprometer com ela**.

**De um lado:** Helen Keller, Peter Dinklage, Troy Kotsur, Amanda Lyra, Rafael Soares, Christy Brown, Roy Frank "RJ" Mitte, Leandrinha Du Art, Hermeto Pascoal... **Do mesmo lado:** Beethoven, Van Gogh, Ray Charles, Stephen Hawking, Stevie Wonder, Frida Kahlo, Herbert Vianna, Maestro João Carlos Martins, Maria da Penha, Flávio Silvino, Roberto Carlos, Mara Gabrilli, Bruna Alexandre, Guilherme Bara, Marlee Matlin, Lais Souza...



E desse lado aqui: \_\_\_\_\_,  
o seu alguém, a pessoa com deficiência  
que você conhece e admira.

Estranhou os "lados"?  
Não há lados quando qualquer um está  
sujeito a adquirir uma condição com a  
qual não nasceu.



O capacitismo não está presente somente quando manifestamente irrefutável, nas falas ultrapassadas, arraigadas no senso comum - e que se busca erradicar -, ou nas condutas criminosas, ou ainda aparentemente preconceituosas quando referentes a uma deficiência rara, por desconhecimento.

Aumentar o tom de voz ao conversar com uma pessoa cega, querer ampará-la por **pressupor** que ela vai tropeçar, ou cair, **sem que lhe tenha sido solicitada qualquer ajuda**; sentir-se desconfortável **imaginando** que pessoas com deficiência física **estão em miséria psicológica e sofrimento**, com dor em seus membros afetados, ou que não lhes cabe uma vida sexual ativa...



**Infantilizar** pessoas com deficiência intelectual, dirigir a palavra somente a quem as acompanha; **inferir** que pessoas surdas necessariamente são também mudas; **fomentar** ou **dar espaço a discussões que deslegitimam** direitos das pessoas com deficiência, reduzindo-os a debates de ordem moral, de juízo de valor e até mesmo estigmas de religião, são algumas das **manifestações de como ele é estrutural e permeou as relações e dinâmicas sociais ao longo dos anos.**

É nessa estrutura que a internet e as redes sociais trazem ambientação para a visibilidade, servindo de vitrine ora da luta, ora de alvos. **A saúde mental das pessoas com deficiência** fica muitos passos atrás e é negligenciada quando o assunto é **cyberbullying: a normalização e banalização da pessoa em razão da deficiência sedimenta crenças e ampliam as barreiras atitudinais com efeito em escala. A interseccionalidade nessa parcela da população é vivenciada a cada novo desdobramento no dia a dia: uma mulher com deficiência e mãe ocupa um recorte dentro de outro recorte já minorizado.** Sendo periférica, negra, lésbica, trans, enfrentará outras tantas barreiras, que os direitos básicos como os serviços de saúde, segurança e educação voltam para a luta pelo direito de acesso a eles.



Desde 2008 acontece em Nova Iorque na sede da ONU a COSP – Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência

Pela 1ª vez, o Brasil levou, neste ano, em sua delegação representantes da sociedade civil selecionados por edital do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. apresentado o **Novo Viver Sem Limite (NVSL)**, um plano que objetiva estabelecer uma política nacional permanente da pessoa com deficiência. A iniciativa vem sendo trazida em todos os eventos desde então: a Cúpula do Futuro, a **5ª Conferência Nacional das Pessoas com Deficiência** e no Alto Comissariado de Direitos Humanos (ONU), na pauta de Direitos Humanos e Saúde Mental.



A **Agenda 2030** tem entre seus **princípios fundamentais a inclusão e não deixar ninguém para trás**. Começamos o despertar para a **desconstrução de um mundo pautado por padrões que, até aqui, desconsideraram as diversidades das pessoas**. Falamos em racismo, homofobia, gordofobia, LGBTQfobia... **de quem, com quem, para quem?** Nessa festa, pelo visto, as pessoas com deficiência estão "dançando", e não é no bom sentido. Estão na fila, mas não é de acessibilidade, e sim, só a do CID. Estamos apressados após tanto tempo esperando, mas não podemos chamar de avanço se tem tantos ficando para trás. Temos que parar e aguardar até que cheguem e sigamos juntos.

Em sendo **deficiência definida como um conceito em evolução**, não parece razoável enquadrar, fincar marcadores estáticos e absolutos assentados em binômios. Para as **deficiências ocultas, ou invisíveis**, isso implica, além de excluir, **relativizar o direito de acesso ao suporte necessário e também ao respeito às suas limitações em condições adversas e/ou incompatíveis com seus níveis de necessidades**. Ao converter para questão de opinião popular e "merecimento" individual a correlação e proporcionalidade da deficiência com a vida em sociedade, além de uma postura equivocada, pode-se extrapolar e concorrer para atitudes que configurem crime.

**Deficiência não é identidade** nem indicador de "meritocracia PcD", onde o "se" individual é que deva operar como solução para que a pessoa possa ter vida plena - "se a pessoa melhorar; se curar; se conseguir; se performar como não tivesse deficiência; se, se e se...". **Que venha, e em estando aqui, que possa ir e vir, sempre, com saúde, da forma que necessário for para seu completo estado de bem-estar físico, mental e social, como diz a Constituição e a Declaração Universal dos Direitos Humanos**.

Enquanto nosso **modelo primário de ação-resposta mental e atitudinal** para as questões das pessoas com deficiência estiverem **ancoradas em condicionantes e hipóteses balizadas por pessoas sem deficiência**, ao invés de aprendizado genuíno em busca de viabilizar o que já deveria ter sido pensado antes, **ainda não chegamos na conversa sobre inclusão**. Colocar o "será" - "será que a pessoa consegue..."-, antes do "como" - "como podemos viabilizar para que ela consiga" -, **não é sintoma de proteção, é sequela de capacitismo estrutural**.

**Igualdade e equidade são termos bonitos** usados, a rodo, para justificar o injustificável e mascarar o preconceito nosso de todo dia; e reforçar a desigualdade – de tratamento, de oportunidades, de direitos.

**Você, eu, todo mundo e cada um, precisamos de um esforço diário e contínuo para um (vi)ver e um (re)agir, verdadeiramente, anticapacitista**, no qual possamos (com)viver com todas nossas (d)eficiências. Porque **mesmo você, que se entende como normal, tem lá seus limites, dificuldades... deficiências – que não te definem**. O mesmo vale para todo mundo. Complexo assim. **Bora (re)ver!? Somos capazes**.



# #IR ALÉM:

curadoria de conteúdo selecionado para você expandir seus horizontes

# 1

## VÍDEO:

### FALAS DE ACESSO

Ao longo do programa, o público assistirá a experimentos sociais que envolvem questões de preconceito, capacitismo, invisibilidade/experiência de não pertencimento, e acessibilidade/exclusão.



# 2

## PODCAST:

### O CORRE DELAS - Ep. #85

Você já pensou no significado da palavra acessibilidade? Ela vai além da infraestrutura – ela impacta a maneira como a sociedade e o mercado de trabalho enxergam a autonomia de pessoas com deficiência.



# 3

## VÍDEO:

### PLAYLIST - COMO LIDAR COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA?

Que tal algumas dicas que podem te ajudar a lidar com pessoas com deficiência? Não existem regras, mas alguns pontos valem a pena compartilhar!

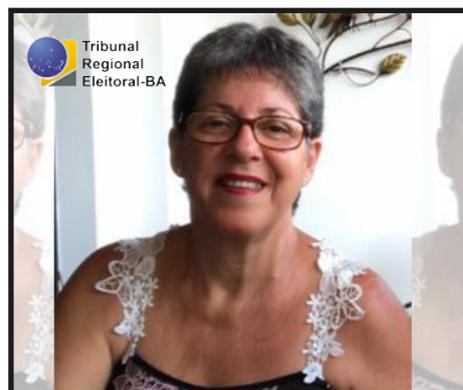


# 4

## ARTIGO:

### ANTICAPACITISMO É FERRAMENTA NA LUTA POR UMA SOCIEDADE MAIS DIVERSA

Reflexões sobre o anticapacitismo na luta pelos direitos das pessoas com deficiência.



# #PRA INSPIRAR:

aquela citação classuda para fazer pensar, curtir, gravar e compartilhar



**Vou rir da sua hierarquia de capacidades  
Que é incapaz de refletir as minhas verdades  
Não interage e pressupõe passividade  
Inclusão que exclui, isola e é maldade**

*~ Billy Saga •*

Especialista em DE&I (Diversidade, Equidade e Inclusão), músico, ator e escritor



# #PRA DESOPILAR:

uns respiros, uns risos, uns encantos...

## QUAL SERÁ SEU PEDIDO HOJE?

Conheça o restaurante que serve um tipo muito especial de alta gastronomia:  
a que alimenta a alma!



## NOSSA HISTÓRIA

OPESP - Orquestra Parassinfônica  
de São Paulo

**PeQuiLAB**

Escola de Governo | SEAD  
Laboratório de Inovação e Desenvolvimento de Pessoas  
Telefone: (62) 3201-4525